

MASCULINIDADES DESLOCADAS: É POSSÍVEL FALARMOS EM ‘DONOS DE CASA’?

Zuleika A. Câmara PINHEIRO¹

Márcia Pinheiro LUDWIG²

RESUMO: O esforço deste artigo é evidenciar por meio de percepções e vivências masculinas o que os homens pensam sobre serem ou não donos de casa. É possível afirmarmos que se configura em nossa sociedade essa categoria? Problematicamos os discursos produzidos pela cultura, que acabam dando um sentido comum na construção de práticas que atribuem o espaço da casa à mulher, deixando fora deste domínio comportamentos e ações masculinas acerca de suas experiências na dinâmica da casa. Partimos do pressuposto de que a mídia tem enfatizado que os homens estariam mudando suas concepções relacionadas à vida cotidiana, adquirindo novos hábitos de maior participação dentro de casa. Infelizmente estes não conseguem alterar e alargar suas imagens e representações acerca do espaço doméstico, como sendo lugar de homens e mulheres. De um modo geral, os argumentos e declarações dos homens ainda são carregados de valores morais e conservadores no que se referem às atividades, experiências e vivências dentro de casa.

PALAVRAS CHAVE: Masculinidades, Homens, Espaço Doméstico e Gênero.

Apresentação

Pensar nas marcas de gênero que perpassam o espaço doméstico é um desafio que nos remete as tensões que o trabalho doméstico dentro de casa provoca em homens e mulheres. Certamente, a casa guarda íntima relação com nosso corpo e nossas necessidades básicas – de descanso, alimentação, higiene, segurança, abrigo etc. Quando ultrapassamos a porta da frente um *modo* doméstico se abre para nós trazendo toda privacidade que será cúmplice de nossas vivências, desejos, sonhos, emoções, sentimentos, laços afetivos e conflitos.

A casa ocupa uma função importante na vida familiar. Contudo, o espaço doméstico é um lugar de representação simbólica estabelecida pela cultura que dá legitimidade aos discursos como sendo *um lugar de mulher*. Deste modo, problematizar este espaço em conexão com os homens seria no

¹Mestre em Economia Doméstica pela UFV. Viçosa / MG.

zuleikacamara@yahoo.com.br

² Professora Adjunta do Departamento de Economia Domestica da UFV e D.S. em Arquitetura e Urbanismo pela USP.

mínimo revelador tanto de enunciados de permanências de práticas culturais de gênero como de deslocamentos de vivências masculinas cotidianas.

É preciso que se diga que o ambiente da casa, o espaço doméstico, o lar, o grupo doméstico, a família podem ser considerados como um lugar de campo de forças sociais de onde partem um leque de expressões, manifestações, revelações e enunciados que reforçam hierarquias de gênero. A abordagem sobre a casa juntamente com a masculinidade, parece se perder na retórica de discursos conservadores como se o homem fosse um apêndice da família e da casa e este estivesse sempre tangenciando o ambiente familiar como se não fizesse parte dele. Esta retórica se cristaliza nesse pensamento conservador de uma visão do senso comum que mantém o *status quo* de que é *natural* o homem não gostar, não cuidar, não se importar e não se interessar pelas coisas da casa e do espaço doméstico.

Assumimos como pressuposto aquilo que tem sido cada vez mais enfatizado pela mídia – escrita e televisionada - ou seja, o fato de que os homens contemporâneos estariam mudando suas atitudes e concepções relacionadas à vida cotidiana, adquirindo novos hábitos e uma maior participação no espaço doméstico. Com efeito, tais mudanças partiriam de uma *autorização social*, que geraria reconhecimento e valorização, na medida em que existiria a *premissa* de poderem participar de atividades e tarefas até então percebidas como femininas (NOLASCO, 1995). Estas alterações, atreladas à crítica sobre o papel social do homem diante das mulheres e da casa representa um componente que a mídia utiliza para organizar textos que apontam para uma mudança no comportamento dos homens, que parecem estar vivenciando outras práticas, outras ações com os filhos, família, auto-imagem e saberes relacionados com a casa. O “*novo homem*” surge como um sujeito que traz consigo a imagem de identidades fluidas, tecidas culturalmente. A idéia de identidades fluidas, que se deslocam alterando os papéis habituais de homens e mulheres, faz parte das transformações que marcam a contemporaneidade, na qual a subjetividade vai sendo moldada e influenciada por representações simbólicas. (RIBEIRO; SIQUEIRA, 2007).

Se os sujeitos mudam, alteram-se também as suas relações com seu contexto sociocultural e nesta conjuntura contemporânea, homens e mulheres vão aos poucos vivenciando diferentes posições,

deslocamentos e comportamentos em vários campos de possibilidades e atuação. O que vamos constatar são as resignificações construídas por estes sujeitos a partir de seus intercâmbios, interações e relações estabelecidas sejam na rua ou em casa (RIBEIRO; SIQUEIRA, 2007).

Alguns estudos enfocam as tensões e conciliações entre a vida familiar e doméstica no mundo contemporâneo. As articulações entre homens e mulheres e como estes lidam com as atividades domésticas, família e trabalho remunerado fora de casa revelaram que os homens brasileiros são bem menos conservadores em seus conceitos, idéias e concepções quanto ao papel da mulher no mercado de trabalho do que os japoneses, a despeito das diferenças socioeconômicas entre os dois países. Por outro lado os homens suecos são mais abertos em relação à divisão do trabalho doméstico e a maternidade do que as mulheres brasileiras. (ARAÚJO, Clara; et. Al. (2007); BRUSCHINI, Cristina (2007)).

A despeito de lugares distintos e específicos, PERROT (2007) argumenta que as tarefas domésticas marcam todo o trabalho feminino e o trabalho doméstico afronta as *evoluções igualitárias*. Tais tarefas não são divididas entre homens e mulheres, sendo o trabalho doméstico *invisível, fluido e elástico*. Sendo pouco qualificado e apesar de toda parafernália tecnológica *O pano, a pá, a vassoura, o esfregão continuam a ser os seus instrumentos mais constantes*. Embora, aparentemente o trabalho doméstico continue o mesmo *ele muda, em suas práticas e em seus agentes*.

Considerando estas mudanças hoje em dia o que caracteriza o trabalho doméstico é que diferentemente daquele realizado há algumas décadas, este tem sido articulado de outras formas. O mercado de trabalho doméstico comporta hoje a diarista, a faxineira, a copeira, a lavadeira, além da empregada doméstica. Possivelmente tais mudanças trazidas pela modernidade - máquina de lavar roupa, máquina de lavar louça, aspirador de pó, forno microondas, etc. modificaram as práticas, como também mudaram seus agentes. A mulher insere-se no mercado de trabalho, dedicando menos tempo ao espaço doméstico. Por conseguinte, os homens também passam a vivenciar novos hábitos até então dissociados de sua rotina, construindo e repensando suas atitudes com relação ao ambiente doméstico.

Sem sombra de dúvidas as análises sobre o trabalho e espaço doméstico apontam para um tradicionalismo em que são sempre as

mulheres quem executam com ‘maestria’ esse trabalho. Observamos em nossas experiências cotidianas que não há na sociedade brasileira urbana uma participação significativa dos homens na execução destas tarefas. No entanto, dadas as provocações modernas o que se percebe é que na atualidade mesmo que timidamente os homens parecem começar a sinalizar para uma aproximação com as questões relativas ao doméstico.

Neste marco de discussões, apresentamos neste artigo parte de um estudo mais amplo – realizado na cidade de Fortaleza/ Ceará - que aborda homens em conexão com o espaço doméstico. Compartilhamos a relevância de estudos que contemplem as masculinidades/ gênero/ espaço doméstico, por considerarmos uma temática relevante para as discussões nas Ciências Sociais, já que a casa juntamente com as relações familiares que ela abarca ocupa um lugar significativo na dinâmica de comportamentos entre homens e mulheres. Com uma abordagem multidisciplinar, ora recorrendo à Antropologia, ora a Sociologia como ancoragem teórica, estes conceitos - masculinidade/gênero/espaço doméstico - possibilitaram, juntamente com outros argumentos especificar nossa ótica no sentido de compreendermos como os homens estão se articulando dentro de casa e se podemos afirmar existir a categoria de “donos de casa”. Vale ressaltar que a principal característica deste estudo é o deslocamento do olhar, ou seja, problematiza-se a relação e vivências espaço doméstico/homem e suas da domesticidade.

Este debate é amplo, além de provocar tensões a partir do momento em que se desconstrói todo um discurso e uma pedagogia de gênero baseados na “naturalização” do que é “ser homem”, e que se coloca a masculinidade como cambiante e socialmente flexível. Do mesmo modo que provoca inquietações à medida que se evidenciamos a possibilidade dos homens ‘ocuparem’ um espaço historicamente conferido as mulheres. Com efeito, nossa intenção primeira foi problematizar, discutir e analisar um espaço que é tão “nosso” quanto “deles”.

Importa aqui considerarmos uma ressalva para evitar alguns possíveis mal entendidos. Queremos esclarecer que não pretendemos aqui passar a noção de que os homens são “coitadinhos” ou assumem posição de “vítimas”, uma vez que estão no centro do poder. Entretanto, também não almejamos deixar a idéia de que são “apenas” opressores. A despeito desses rótulos,

estes estão propensos a posições sociais, contextos e comportamentos por que passam. E lembrando que assim como eles, as mulheres também estão sujeitas a rótulos e posições evidentemente numa outra dimensão e extensão de vivências, posturas, comportamentos e contextos. Certamente a complexidade do tema nos faz caminhar por um “campo minado”, já que as discussões epistemológicas sobre os estudos de gênero não são de fácil compreensão. Estamos cientes que ao investigarmos uma temática pouco explorada como a intercessão homens/espço doméstico, corremos o risco de deixar fora das análises algumas questões que possam por ventura escapar a nossa percepção, dado o espaço limitado do artigo.

O propósito deste artigo é situar a problemática das articulações simbólicas produzidas pelos processos culturais, que acabam dando um significado, um sentido comum na construção de práticas discursivas que atribuem o espaço da casa à mulher, deixando de fora do domínio doméstico atitudes, comportamentos e ações masculinas acerca de suas vivências e experiências na dinâmica da casa.

Gênero, Contradições e Provocações de um Conceito: Introduzindo o Debate

Articular conceitos, concepções, valores e idéias acerca dos homens e masculinidades em conexão com o espaço doméstico sem fazermos referência ao debate do pensamento feminista é, no mínimo, um descuido, já que este balizou as discussões dos estudos de gênero nas ciências sociais. O século XX inaugura mudanças sociais³ proporcionando a homens e mulheres, no ocidente, outros

³ A exemplo dessas mudanças temos a queda do Muro de Berlim, o fim da União Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, o ressurgimento do liberalismo econômico e político, o avanço da internet, a introdução de novas tecnologias, a reestruturação dos setores produtivos e organizacionais das empresas e a flexibilização das relações de trabalho. Particularmente no Brasil o surgimento do regime democrático e o avanço da política de desenvolvimento, bem como do movimento feminista que aqui no Brasil se inicia com duas tendências. Uma o movimento sufragista liderado por Bertha Lutz, chamado de feminismo "bem comportado" que sinalizava o caráter conservador desse movimento, o qual não questionava a opressão da mulher. A segunda tendência chamada de feminismo "malcomportado", reúne uma gama heterogênea de mulheres -intelectuais, anarquistas, líderes operárias - que, além do político, defendiam o direito à educação e abordaram temas que para a época eram delicados, como, por exemplo,

modos de vida. Estes sujeitos passam a se articularem dentro de um campo de provocações contemporâneas que comportam vivências mais urbanizadas e globalizadas. Dentro deste cenário de transformações pessoais e sociais o movimento feminista passou a oferecer às mulheres outro olhar para sua subordinação e opressão. Foi por meio do movimento feminista que as discussões sobre a mulher na política, no trabalho, na família, na sociedade e nos movimentos sociais abriram novos caminhos para estudos e pesquisas, contemplando uma nova categoria analítica: gênero. O que vamos observar é que os estudos de gênero abrem espaço e põem em xeque a *naturalização do que é ser homem e ser mulher*, e a forma de constituição do masculino e feminino. Por conseguinte, os estudos de gênero passaram a revelar não só estudos 'de' mulheres e 'sobre' mulheres, mas, a contemplar, também, os homens. A teoria feminista é fértil em questionamentos, e traz para o centro do debate contemporâneo questões sobre a mulher, o corpo, sexo, sexualidade e a reboque dessas discussões estudos sobre masculinidades.

É interessante pensarmos como a questão teórico-metodológica traz ao centro do debate os diversos campos de estudos de gênero, especificamente a abordagem sobre masculinidades. Para o antropólogo Miguel Vale de Almeida (1998), devemos tomar cuidado com esta abordagem, pois, segundo ele, não podemos assumir uma atitude de vitimizar os homens, que estão *socialmente no poder*, como também não devemos utilizar a idéia de *masculinismo* em simetria ao feminismo. O que se destaca nos estudos sobre masculinidade é o sentido que a temática vai propor ao *quadro da teoria social feminista e antropológica em geral*.

Ao estudarmos homens e masculinidades devemos incluir nas análises a concepção dos efeitos das relações sociais nas representações e práticas masculinas, pois a categoria *homem* só existe como grupo ou camada social em relação estrutural com as mulheres (WELZER-LANG 2004). Por conseguinte, tanto homens como mulheres ainda possuem uma instrução distinta que exprimem, enunciam e definem certas práticas sociais. Mesmo

a sexualidade e o divórcio. Foi, portanto por meio do movimento feminista a partir da academia, que este proporcionou outro olhar para as relações entre homens e mulheres.

sendo homem e dominante, este passa também pelo crivo de hierarquização masculina, pois nem todos os homens têm os mesmos privilégios, o mesmo poder, a mesma camada social, raça, etnia, idade ou opção sexual. Da mesma maneira, também não os têm todas as mulheres.

Gênero surge como uma categoria analítica constitutiva de relações sociais instituídas sobre diferenças entendidas pelos sexos, como também se refere ao primeiro modo que dá significação as relações de poder. Essa definição comporta quatro elementos fundantes. Primeiro os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas; segundo a normatividade que evidencia as traduções dos símbolos, que regulam, limitam e contém suas possibilidades metafóricas; terceiro o desafio de superar a noção de fixidez no sentido de desvendar os discursos que produzem uma constante aparência de que gênero tem uma representação binária e por fim, a autora sugere que gênero é uma identidade subjetiva (SCOTT, 1990).

Para SCOTT a categoria gênero não surge por meio de um sistema de pensamento, como o conceito de classe em relação ao marxismo. Deriva de um campo profundamente diverso, refutando o determinismo biológico no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Por conseguinte, gênero indica aspectos relacionais das definições normativas de feminino e masculino. O termo era proposto pelas feministas que defendiam que os estudos sobre mulheres transformariam os paradigmas das disciplinas, o que de fato ocorreu. Assim, gênero abrange um complexo conjunto de posições teóricas.

Dentro do pensamento feminista que comporta várias interpretações, gênero toma múltiplos caminhos de abordagens admitindo, assim, várias concepções. Todavia, há um consenso entre essas posições, a de que gênero é uma categoria relacional, contextual, analítica e histórica, e que tem em sua origem na desconstrução de concepções que excluem e “impõem papéis e lugares” a homens, mulheres e outros grupos “confiscados” enquanto sujeitos.

Considerando este campo de discussões o que vamos constatar é que o debate teórico em torno do conceito de gênero não é de compreensão serena, pois no desenho da produção dos discursos, as abordagens são comprometidas com interesses e escolhas que guiam as direções teóricas que estão aportadas nas

explicações disciplinares de suas autoras. O que se percebe é que os estudos feministas têm provocado inúmeras discussões na busca de uma melhor interpretação e revelação deste objeto de estudo (PEREIRA, 2004).

Entre contradições, alternâncias e revezamentos, gênero toma um sentido contrário ao que se vinha discutindo desde suas primeiras proposições. Judith Butler (2006) vai romper com a noção do sistema de sexo/gênero e propõe a idéia de que gênero também é *performático*. No sentido de superar o ponto crítico - natureza/cultura - do conceito de gênero, BUTLER vai indicar, através de suas idéias desconstrutivistas, a superação deste binarismo sem, no entanto, cristalizar-se num processo conclusivo. Para BUTLER (2006) o gênero tem um caráter *in fluxu* e adquire uma espécie de corpo, uma performance de viver o próprio corpo, assumindo o corpo uma maneira de interpretar sua realidade cultural carregada de sansões, tabus e prescrições. Para ela não há, portanto, uma concepção de corpo/ sexo fora do construto cultural, que é imposto sobre a matéria. O corpo não pode ser pensado fora desta normatividade que governa sua materialização e significação centrado na diferença.

É a partir do corpo que o sujeito emerge. Este constitui-se a si mesmo, através da conexão com o outro que limita a regulação social e sustenta o desejo de existir. Deste modo o sujeito vai se reiterando ao longo de sua existência. Esta regulação social diz que o sujeito pode ser somente mulher ou homem, portanto é preciso reconhecer-se num desses dois lugares. Com efeito este *heterossexualidade compulsória* toma o corpo de homem e mulher como sendo o lugar das identidade. Contudo, para BUTLER não há veracidade nesta concepção, pois a identidade não é algo dado, mas sim um efeito que se revela na diferença. O gênero passa a ser entendido como uma performance, uma construção teatral e ocasional de sentido. BUTLER toma o campo da sexualidade como luta política e sugere que há necessidade de extinguir do binarismo dos sexos para manifestação de novas possibilidades constituição dos gêneros o que resultaria em novas relações de poder. Ademais o corpo performático e socializado demarca a masculinidade e feminilidade donde estas terão disposições para criarem identidades fluidas, ou seja, deslocadas.

Outra autora que questiona o sistema binário natureza/cultura, feminino/masculino é a bióloga norte-americana

Donna Haraway (2000). Em seu artigo “*Gender*” for a Marxist Dictionary: the Sexual Politics of a Word, cita os argumentos de BUTLER sobre a atuação dos sujeitos como um aprendizado estabelecido num campo de fronteira e possibilidades. A autora chama atenção para o fato de o eu interior biológico -*in nato*- ou adquirido culturalmente ser, uma ficção reguladora supérflua. Tal ficção reguladora aufere ao conceito ocidental de gênero uma condição de que *a maternidade é natural e a paternidade é cultural*. HARAWAY (2000) sustenta a idéia de que o corpo não é amorfo e este sofre influência cultural sendo carregado de significados, assim sendo seria impraticável separá-lo das interceptações políticas. Para HARAWAY o corpo está dentro de um campo de possibilidades de tornar-se.

BUTLER (2006) se aproxima do pensamento de HARAWAY ao defender a noção do corpo como superfície de um produto cultural e que o sistema sexual binário atribui modelo dado de existência corporal. Seguindo o pensamento foucaultiano, para a autora o discurso é constitutivo, produtivo e performativo na medida em que o corpo recebe um distintivo, uma insígnia, uma marca de sexuado em um determinado contexto histórico. Para BUTLER os sujeitos são como uma categoria lingüística e, por conseguinte seus corpos são dinâmicos e instáveis.

A categoria relações de gênero, surgida no debate feminista, deslocou o pensamento de uma “filosofia do sujeito” para o “pensamento da diferença”, pois não é preciso masculinizar as mulheres em sua inserção na esfera pública se a própria masculinidade perdeu seu status de “coronelato” (RAGO, 2004). Neste sentido, observando o tema do presente artigo, ressaltamos que também não precisamos feminilizar os homens para que estes entrem na esfera doméstica. Em outras palavras, não é necessário que os homens assumam posturas, atitudes e comportamentos femininos ou adote outra identidade para que este seja capaz de criar e vivenciar novas experiências dentro da casa. O que gostaríamos de reter dessa discussão é que não são somente às mulheres que o conceito de gênero se refere, pois o pensamento feminista forçou novas formas também de redefinir os homens.

É preciso que se diga que a *natureza biológica* dos sujeitos é autorizada pela *natureza social* e deste modo, homens e mulheres vão tecendo suas performances, desempenhos e identidades. O gênero cria e expressa uma condição de diferença e assim os

sujeitos vão construindo, sublimando e identificando o que para si serão suas *vestimentas* para demarcar quem são.

Masculinidades Deslocadas: Reflexões que Inquietam

As discussões instigadas através do pensamento feminista pelo menos nos estudos de gênero, despertaram o interesse nos estudos sobre masculinidades. A teoria feminista é um marco nas ciências sociais, que acarretou transformações nas práticas cotidianas. O que vamos constatar é uma “mistura de paradigmas”, na qual os contextos dos sujeitos constituem comportamentos diferenciados por gerações, camadas sociais e, especialmente, por trajetórias individuais, percebendo-se, ainda, mudanças sociais significativas tanto no campo da sexualidade, como do gênero, ambos provocadores de outras interpretações acerca do corpo, sexo, emoções, sentimentos e identidade individual (ALMEIDA, 1995). Velhos conceitos foram reformulados possibilitando a homens e mulheres diferentes arranjos familiares, disposições e articulações cotidianas.

Pensando nessa perspectiva de reformulação de velhos conceitos, começamos nossa reflexão sobre como se inicia a socialização dos garotos. Quando uma criança nasce a princípio os pais querem logo saber se é menino ou menina. Depois vem a preocupação de saberem se há alguma anormalidade neurológica ou física, por fim, o casal⁴ quer constatar se tudo está bem (NOLASCO, 1993). De início nosso “linguajar cotidiano” nos deixa preocupados ao aludir à masculinidade como uma finalidade e obrigação. O fato de ter o cromossomo Y ou órgãos sexuais masculinos não é suficiente para determinar o macho humano. Para ser um homem o menino vai passar por todo um processo e um sistema de “códigos” que “não parece ser exigido das mulheres” (BADINTER, 1993). Deste modo a diferença dos genitais será o ponto de partida para as expectativas de comportamento de homens e mulheres bem como estes delinearão suas subjetividades (NOLASCO, 1993).

Homens e mulheres são educados por mimetismo, sendo o mimetismo dos homens centrado na violência, no poder, aceitando o sofrimento, integrado ao restrito círculo dos homens. (WELZER-

⁴ Lembrando que esse comportamento é válido tanto para casais heterossexuais quanto homossexuais que adotam crianças.

LANG, 2001). Estes aprendem desde cedo a entender e respeitar os códigos, os símbolos e os ritos que os tornam verdadeiros 'soldados'. Os meninos começam a manifestar o comportamento do soldado forte e durão. Os discursos familiares acabam criando disposições de comportamentos comprometidos com o tipo ideal de soldado herói.

Os homens vão estabelecer uma visão de mundo que se inicia na crença de sua superioridade gerada através da observação da dinâmica familiar e do tipo de relações que se constrói dentro desta. Vão reconhecendo valores à medida que vão crescendo e estes são agregados e incorporados a sua visão de mundo. A coragem, a valentia, o endosso à autoridade, à moral familiar, a vergonha da derrota e do fracasso; são valores e expressões de uma ordenação subjetiva calcada numa visão de mundo masculina, carregada de entendimentos normativos advindos de uma socialização e de 'sutis controles a que os meninos são submetidos'. Deste modo, os meninos vão crescendo sob os fortes e fulminantes olhares sociais familiares que lhes inquiram: 'seja homem!' Esta experiência refreada na infância imprime nos garotos um modelo de homem aceito e legitimado socialmente na vida adulta (NOLASCO, 1993). Assim, 'ser homem' no convívio e interação social e 'nas construções ideológicas' incorpora no sexo uma série de comportamentos e conjunto de atributos morais admitidos socialmente, sendo firmemente avaliados, reavaliados, negociados e reelaborados. O 'homem-macho' tem um corpo carregado pelas marcas e insígnias sociais da macheza. Não é o sexo que define se um indivíduo masculino é, portanto, homem, mas, sim o tipo de corpo que ele constrói e carrega. Há códigos de macheza relativos aos níveis sociais e incorporados através 'da linguagem verbal e gestual, enfim, da totalidade do social' (ALMEIDA, 1995). Assim sendo, o homem vai formatando sua postura, comportamento, conduta, atitudes e ações baseado-se num modelo de primazia, dominação e autoridade que o caracteriza como sendo um 'homem-macho'.

Os homens são socializados através de todo um arcabouço social onde eles regularizam, demonstram e acomodam as coisas, as regras, as normas e modelos dentro de suas lógicas e performances. Tal comportamento é fundamental para que valorizem, mantenham e reproduzam a honra, a força e o poder. Estes teriam, portanto, a disposição e a 'competência' de suportarem flagelos de guerra, fome, dor e mutilações, encarando impassivelmente a concreta

possibilidade de morte. Neste comportamento estaria implícita a noção de que o 'verdadeiro homem' teria, para tanto, que ser viril e capaz de pôr sua força e resistência em prol de uma causa maior. É através da identificação com o varão e com os mais altos ideais sociais que os homens se relacionam com o *socius*. A masculinidade mostra-se, portanto, atrelada ao sacrifício num imaginário modelo de homem.

O que vamos constatar é que a masculinidade é um lugar simbólico e imaginário de significado estruturante nos processos de subjetivação. Sendo um estrato pronunciado e estabelecido no *socius*, apresenta-se como uma definição social, um ideal culturalmente organizado ou um sistema relacional que aponta para a autorização de conduta socialmente aprovada. Esta por sua vez torna-se 'uma bússola de orientação' para concepção de comportamentos masculinos ocidentais, tal proposição só tem sentido se entendida como sendo produto de complexos arranjos culturais. (OLIVEIRA, 2004)

Contudo, ser homem não tem o mesmo sentido para quem não segue a norma social da heterossexualidade. Termos como 'macho', 'homens' e 'masculinidade' é o resultado exatamente do uso da noção de 'papel de gênero' ou 'papel sexual'. Contudo, não devemos tomar tais termos como certos e cristalizados, mas, sim analisá-los. Masculinidade e feminilidade não são sobreposições a homens e mulheres, são metáforas de poder, com disposição de ação tanto para homens como para mulheres, deste modo falamos em várias masculinidades e transformação de gênero. (ALMEIDA, 1995).

No marco deste debate, cabe aqui uma consideração elucidada pelo historiador Tomas Laquer (2001) em seu livro *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*, no qual este parte da centralidade do corpo e enfatiza a sexualidade como uma forma de moldar o *self*. LAQUER (2001) nos traz argumentos de que mudanças políticas, econômicas e culturais do século XVII indicaram um contexto em que as articulações de diferenças entre os sexos, se tornaram culturalmente necessárias. O autor vai mostrar como a idéia de sexo e corpo são construídas por gênero no discurso médico-biológico. Este discurso interpretou os corpos e as estratégias da política sexual durante os séculos. Até o século XVIII o discurso social dominante vai construir os corpos - feminino e masculino- como sendo hierárquicos com verticalidade ordenada e

proveniente de um único sexo. O modelo hierárquico, mas de sexo único, interpretava o corpo feminino como inferior e invertido do masculino e o ponto de partida para interpretação do corpo era o sexo do *macho*. Para sustentar seu argumento, o autor faz toda uma historicidade baseada em trabalhos médicos e científicos sobre o corpo, sexo, prazer, orgasmo da mulher e problematiza a noção de evidência de observação da ciência iluminista.

O autor atenta para a questão de que o sexo sendo situacional e negociável este é, portanto, entendido no campo das relações entre gênero e poder. Segundo o historiador o fato de nos tornarmos humanos na cultura, não nos dá o direito de ignorarmos o corpo. Apesar disso o que vai ficar evidente é que o sexo vai dar inteligibilidade, totalidade e identidade ao sujeito. LAQUER (2001) cita Foucault para falar da relação entre a sexualidade e o corpo, enfatizando que a sexualidade é uma forma de moldar o *self* na experiência da carne.

Seguindo este raciocínio implica ressaltar as argumentações de FOUCAULT (1988) o qual vai propor uma análise da *sexualidade* como experiência historicamente singular, através de eixos centrais que a constituem: a formação dos saberes a que a sexualidade se refere; os sistemas de poder que regulam suas práticas; a maneira pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos desta sexualidade. O autor alega que nos três últimos séculos com suas mudanças e transformações, há uma verdadeira explosão discursiva sobre sexo. Ele rejeita a chamada *hipótese repressiva*, ou seja, a crença de que a sociedade está a todo o momento controlando a *energia natural incontrollável que emana do corpo*. Para Foucault os argumentos essencialistas ignoravam o fato central de que a sexualidade era um aparato histórico que tinha se desenvolvido como parte de uma rede complexa de regulação social que organizava e modelava – policiava - os corpos e comportamentos. A sexualidade não pode agir como uma resistência ao poder porque está demasiadamente envolvida nos modos pelos quais o poder atua na sociedade moderna.

Desconstruir toda essa idéia de que sexo e corpo são *naturais* e que ser homem e ser mulher faz parte da *natureza* são tensões as quais inquietam e desconfortam aos leitores mais desavisados. Não há dúvidas de que o discurso médico centrado na biologia acabou por hierarquizar um sexo sobre outro.

Assim, o que se observa é que os processos culturais articulam simbologias e subjetividades que mantêm o *status quo* da masculinidade como referência social na quais os sujeitos não percebem as estruturas sociais que agem sobre eles. As pessoas se mantêm presas a discursos e práticas conservadoras que procuram legitimar as hierarquias de gênero. Desta forma, o essencialismo cultural fundamenta comportamentos e concepções masculinas na qual a família, os filhos, as atividades domésticas, enfim, as vivências cotidianas da casa, não dizem respeito ao ‘mundo dos homens’.

O Lugar das Falas dos Homens

Fortaleza é a quinta cidade mais povoada do Brasil, sendo a segunda capital nordestina em população, com cerca de 2 milhões e 431 mil habitantes (IBGE, 2008). É uma capital litorânea que tem em sua extensão 34 km de praias. Não se tem notícia de que a cidade tenha ao longo de sua existência e história significativos números de imigração de estrangeiros. Entretanto, ao longo das últimas décadas a cidade tem vivenciado um espantoso crescimento populacional. Isto se deve mais precisamente ao fato de que motivado pelo turismo de lazer, infelizmente, também, pelo turismo sexual de mulheres⁵ e pela abertura do Governo do Estado do Ceará subsidiando incentivos fiscais para investimentos no Estado, a cidade tem recebido grupos estrangeiros de portugueses, espanhóis, italianos e de outros países da Europa. Os *gringos*⁶ além de procurarem a cidade para seus investimentos também a escolheram como local de moradia. De acordo com o IBGE no censo de 2000 existiam no Ceará 2.562 estrangeiros, atualmente este número chega a 8591.

A escolha da cidade de Fortaleza como área de estudo deveu-se pelo fato da familiaridade com os informantes selecionados para a construção de nossa *rede de informantes – network*. Essas

⁵ A esse respeito ver o trabalho *Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional* de Adriana Piscitelli sobre o turismo sexual de mulheres nordestinas, estudo feito a partir da cidade de Fortaleza. Revista Estudos Feministas, 2008, v. 15, n. 3, p. 717-744.

⁶ Gringos é o modo como os brasileiros chamam os estrangeiros que chegam ao país.

networks foram ampliadas por meio da metodologia também chamada *bola-de-neve* - *Snowball*. Segundo o antropólogo norte americano H. Russel Bernard (1996), esta é uma técnica em que alguns informantes são previamente identificados e estes, após serem pesquisados, são solicitados a indicar possíveis novos informantes para a pesquisa, formando assim uma *network*. Para HEILBORN (2004), a *network* possibilita sistematizar formas básicas de interação social possuindo certos mecanismos próprios. *Network* tem sido empregada para delinear uma *unidade sociológica que se diferencia de um grupo por não possuir demarcações nítidas nem objetivos explícitos*, o que se articula dentro da *network* são as conexões entre seus indivíduos. As *networks* são, um conjunto de pessoas que podem estar conectadas por laços de parentesco, amizade e vizinhança.

O grupo com o qual desenvolvemos este estudo na cidade de Fortaleza partiu da identificação prévia de seis informantes de nosso convívio social, sendo três de camada popular e três de camada média. Inicialmente a intenção era formarmos duas redes de informantes de camadas diferentes. A idéia era termos uma amostra mais variada do ponto de vista do perfil socioeconômico dos possíveis homens *donos de casa*, por entendermos que sendo grupos de camadas sociais diferentes possivelmente compartilhassem estilos e padrões de vidas distintas, nos forneciam, assim, dados sociológicos mais expressivos quanto as suas visões de mundo.

Iniciamos nosso trabalho de campo a partir desses homens com os quais o contato telefônico foi o primeiro passo, expondo nossa intenção e os objetivos da pesquisa. A partir daí, à medida que íamos fazendo uma entrevista solicitávamos gentilmente, ao seu final que o entrevistado nos indicasse, se possível, um amigo, familiar ou conhecido para participar da pesquisa. Delimitamos nossa investigação observando as histórias de vida dos informantes, investigando suas percepções, valores, normas e seus conceitos sobre o espaço doméstico e se configura a categoria donos de casa.

Todavia, ressaltamos que apesar de Fortaleza ser uma cidade com *ares cosmopolitas*, convergem em sua cultura elementos de tradições rurais e 'códigos de honra', com aspectos de uma sociedade contemporânea com acesso a urbanização e tecnologias de ponta. Trata-se de uma cidade de grande porte, cuja maioria da população advém de cidades do sertão cearense e zonas rurais, mas

que tem recebido também um enorme fluxo de imigrantes através do forte movimento turístico (BORIS, 2002).

Observamos que acerca das idéias e valores sobre o 'homem ser macho' no Nordeste, o que se vê em Fortaleza é que, apesar do *status* de metrópole, a cidade certamente incorpora estes anseios populares, no que tange a questão sobre o machismo. O 'macho' e o 'ser homem' são valores que perpassam todas as camadas sociais. A exemplo disso um aspecto que merece destaque é a linguagem corriqueira do cearense. É muito comum na comunicação dos cearenses e isso vale tanto para conversas entre homens quanto mulheres com homens, se dirigirem ao outro e dizer: "E aí, 'macho' tudo bem?", "Ei, 'macho' véi, tu vais pra onde?" ou "diz aí, 'macho' o que contas de novo?".

É possível Falarmos em 'Donos de Casa'?

A abordagem proposta aqui confere ao gênero uma maneira de indicar e expressar diferenças que perpassam todo o contexto social. Se o gênero cria, designa, institui, estabelece, organiza e expressa o que é ser feminino e masculino, nada mais revelador de disposições, percepções, valores e representações das masculinidades do que o espaço doméstico.

'Abrirmos as portas da casa dos homens' convidando o (a) leitor (a) a adentrar nos espaços tão distintos e singulares que abrigam nossos informantes de onde nos receberam de 'braços abertos' com a hospitalidade e acolhimento bem peculiar dos nordestinos. De casas enormes com piscina e belos jardins, passando por apartamentos altos e arejados à beira-mar de onde se avistava toda a orla de Fortaleza até as mais simples casas de favela com pedaços de madeiras imitando portas, como casas estreitas de vilas, este foi nosso campo de estudo de onde tudo partiu.

Iniciamos nosso percurso pela casa dos homens buscando apreender de suas falas se a casa teria algum significado em suas vidas. Ou seja, nossa intenção era reter de suas declarações se a casa enquanto espaço doméstico guardava alguma relação, afinidade, importância, proximidade ou se teriam algum valor no seu cotidiano. O material que colhemos através das entrevistas elucidou um amplo campo semântico, nos possibilitando um vasto espectro de enunciados.

No cotidiano dos homens, seja em casa, na rua ou nas permutas das relações, a masculinidade que é produzida pelo

conjunto de atributos morais de comportamentos está constantemente sendo confirmada, reavaliada e negociada. O espaço doméstico como primeira instância socializadora dos sujeitos nos possibilita um extenso campo de observações que moldam disposições que funcionam como matrizes de percepções, dos pensamentos e de ações dos homens, portanto, delimitam marcas de gênero.

A casa surge das falas dos homens como sendo um lugar de prestígio e influência. Expressivas considerações são atribuídas à casa e esta toma forma de lugar de ‘aconchego’, ‘porto seguro’, ‘ninho’, de intimidade, ‘acolhimento’ e ‘descanso’. Para alguns homens a casa é a centralidade, a referência, a moradia, mas, sua harmonia depende das relações familiares. Assim, termos como *sair de casa*, *ser posto pra fora de casa* sugere uma violenta ruptura e ser banido de nossa própria casa faz com que fiquemos privados de um espaço que comporta nossas intimidades e hospitalidade permanente. Esta traz a idéia de moradia e residência, assim, termos como ‘sair de casa’, ‘ser posto pra fora de casa’ sugere uma violenta ruptura e ser banido de nossa própria casa faz com que fiquemos privados de um espaço que comporta nossas intimidades e hospitalidade permanente (DA MATTA, 1991). Da mesma forma que *o estar em casa*, *o sentir-se em casa* e como afirma alguns informantes, *o voltar pra casa*, indica, portanto, ter um espaço onde ficar sendo que este espaço depende das relações harmoniosas ou conflituosas dentro de casa.

Algumas declarações dos informantes sinalizam sempre a vontade de voltar para casa. Sair de casa, viajar “ir pra onde for”, faz com que vivam o ‘mundo lá fora’ mas a vontade de voltar pra casa é manifestada pela maioria dos homens. Determinadas falas sugerem que é bom voltar pra casa e alguns homens aludem que o domicílio é um local de união e consonância entre seus habitantes, ‘casa é meu vínculo’. No entanto, um informante menciona que ‘voltar pra casa’ só tem sentido quando há harmonia nas relações familiares. Ele está atualmente separado e afirma que gostava de voltar pra casa quando “existiam justificativas pra voltar”. Segundo este homem a casa depende das relações dentro dela, se conflituosas ou harmoniosas. Pensando neste sentido outro homem argumenta que ‘a casa em si não representa nada se não tivermos dentro dela uma família’ e que somente a partir daí é que a casa passa a ter algum valor.

Outro homem expressou uma visão bem específica de sua casa como um 'lugar de esconderijo'. Para ele o espaço da casa possibilita ser um ambiente para se 'fugir do social' e esta aparece com uma significação de 'caverna, de toca, toca da raposa, toca do leão! Toca ali quieto'. Este assegura que a casa possibilita se 'livrar do social', assim, permite momentos de 'ficar sozinho'.

Se eu não tivesse esse espaço e acho que ai é que eu falo pela maioria absoluta das pessoas, provavelmente eu sairia correndo toda tarde pro meio do mato ou enlouqueceria qualquer coisa assim. Então, o momento em que você abre a porta, entra fecha a porta bota a chave, enfiar uma tranca... Você se livra do social! O social câncer é pouco, é muito doente, completamente doente todo mundo social a minha volta no momento que eu estou em casa com mulher e filhos já alivia muito, mas se eu estiver sozinho melhor ainda.

Essa visão do 'estar só' foi corroborada por outro homem que afirma que, o que mais preza em sua casa é esse sentido, *é o estar só, mesmo sabendo que não estou, porque tem um filho ali e tal, tem um momento de convivência*. Igualmente para outro informante a casa proporciona esse encontro com o *self*. Este sugere que em casa *você pode ser realmente você com o seu íntimo, com o seu eu*. O que fica manifesto nas falas destes informantes é que a casa possibilita um abrigo do social, dissociando sua vida privada do *mundo lá fora*. É dentro de suas casas que os homens se destituem de suas *vestes sociais* e passam a ser eles próprios em seus espaços de aconchego, acolhimento e refúgio.

Possivelmente estes homens percebem que as exigências e cobranças sociais de moral e condutas são abandonadas a partir do momento que adentram em suas casas. É como se o social comportasse toda uma hipocrisia sendo um lugar nocivo. Contudo, tal abandono não seria no sentido de que não concordem com uma ética e condutas morais, de modo algum, com efeito, o abandono provavelmente sugere um repúdio as relações e interações do *socius* onde os sujeitos supostamente vivem uma camuflagem, uma máscara que não condiz muitas vezes com sua realidade.

Dentre outras falas que também referenciam a casa como sendo um local de *refúgio, aconchego, conforto, acolhimento, o lar*, o que ficou mais evidente é que a casa se mostrou como um espaço que sugere ser um *porto seguro*. Expressivas considerações são atribuídas a ela e esta toma a forma de lugar de *descanso, de intimidade* como também de *equilíbrio*. Esta é apresentada com aspectos positivos sendo destacado em suas falas, valores com conotações afirmativas e otimistas percebendo-a como um lugar, um ambiente gratificante, agradável, afável e aprazível.

Dentro desse quadro em que os homens atribuem um valor positivo a casa é conveniente destacar a fala de um informante quando relaciona sua casa a um castelo. *Minha casa é um castelo, eu montei esse castelo!*. Para ele a casa é o espaço que ele domina e só deixa entrar quem ele permite e manifesta que:

Então assim, eu acho que todas essas coisas são adaptáveis e devem ser adaptáveis. Não há nada que seja receita pronta. Em convivência não! Porque a cada dia você tem dados, informações e agressões, diferentes ao teu castelo, “né”? É fundamental manter o castelo com as muralhas levantadas e a ponte pronta pra abrir pra quem você vai deixar entrar. Porque tem que ter ponte elevadiça cada vez mais no castelo, tanto físico como emocional e intelectual...

O que fica evidente nesta declaração é que a casa é para ele um espaço reservado, recluso e encerrado. Seu *castelo* lhe proporciona segurança e dentro dele há regras e disposições próprias, portanto, não é qualquer pessoa do *mundo lá fora* que adentra as muralhas de seu castelo. A casa aqui assume um sentido de segurança e proteção podendo dentro desta perspectiva de ordem também ser desejada como um espaço de organização e limpeza.

Alguns homens se referem a gostar de ver a casa organizada e arrumada. Alguns manifestam interesse pela decoração, adornos, artefatos e obras de arte. Para eles, é bom receber amigos estando com a casa limpa. Um informante comenta que se considera metódico e que gosta de ver sua casa asseada e arrumada. “Eu pego e boto e ajeito as poltronas se tá muita pra lá, essa mesa se esta fora do centro se tiver mais pra lá do que pra cá eu já puxo ela um pouco pro lado”. Para ele é importante ter um ambiente organizado e

agradável pra se ficar e receber amigos. Sua casa tem uma decoração contemporânea e o ambiente da sala de estar é composto por várias obras de arte, as quais nos foram por ele mostradas com comentários específicos acerca de cada artefato.

Como percebemos a fala do entrevistado mostra cuidados ou gostos com a casa e vai mais além quando destaca objetos de família e que expostos se comportam como ícones, talvez a lembrar do valor que a família assume em sua vida.

Outro entrevistado, afirma que a casa *é a continuidade de sua vida*. Tal como ele que gosta de sair de casa bem vestido da mesma forma é sua casa: *gosto de colocar uma foto minha, um quadro que eu acho legal, uma imagem de um santo que eu acredito, um quadro de Nosso Senhor Jesus Cristo. E conclui eu acho que a casa é o retrato de você, sabe?*

Para a historiadora Vânia Carvalho (2008) os objetos pessoais compartilham da vida das pessoas, momentos que marcaram suas trajetórias de vida. Tais objetos participam de acontecimentos que compõem a própria dinâmica da casa. A autora cita Ecléa Bosi⁷ que denominou de bibliográficos esses artefatos e objetos decorativos. O álbum de fotografias seria o componente mais emblemático de momentos especiais para os moradores de uma casa. Ao analisar o repertório de objetos masculinos no início do século XX a autora alude que havia todo um substrato de natureza instrumental e honorífica constituindo assim a autobiografia social do homem. O que ficava evidente era que os objetos se tornavam emblematicamente sexualizados. Mas, segundo Carvalho não somente os objetos eram apropriados sexualmente, algumas matérias-primas tinham uma forte conotação de gênero, o couro por exemplo. Cadeiras eram revestidas em couro e davam prestígio aos interiores. Com forte poder masculino as cadeiras e poltronas de couro passaram a fazer parte do mobiliário de escritórios e salas de fumar (CARVALHO, 2008).

Assim, como a maioria dos entrevistados que demonstraram apreciar suas casas limpas, organizadas e arrumadas, um informante que é divorciado e mora só com os filhos adultos, também demonstra cuidar da casa e se interessa pela decoração.

⁷ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Não se define como um conservador, mas, diz que gosta de manter sua casa do jeito que idealizou. Sua fala é bem ilustrativa e vale à pena a transcrição na íntegra de sua declaração:

Eu gosto de limpeza... Tem que ficar cheirando a floresta. Tá entendendo? Meu tapete aqui eu lavo de seis em seis meses no máximo... Eu botei isso aqui [referindo-se ao rebaixamento do teto em madeira] e cada coisa aqui tem um significado. Aquela bruxinha com foto, meu sogro que me deu, aqueles chapéus eu dei pros meus filhos, aquele chapéu é do meu pai. Tem um rifle ali que tem 200 anos quase. Meus cachimbos estão ali, meus baralhos de mágicas, estão ali ninguém mexe, porque eu pedi pra não mexer. [...] Cada vinho que se bebe nessa casa a gente guarda a cortiça, tá? Eu tenho uma bilha se você olhar aquela lá, são os vinhos de 2007 e 2008. Geralmente uma bilha dessa dá pra dois anos. Quando a gente bebe muito só da pra um. Tem vários anos aqui em cima, você vai vê depois, certo? Aquele é meu canto, é meu escritório, é meu home office, é meu lugar de lazer, meu computador ... Olhe ali pra cima, pra você vê! Tá certo? Ali tem meus faróis... Adoro farol, meus bonés com meus faróis. Ali em cima tem os bonés dos meus filhos⁸ dois bonezinhos de marinheiro dos meus filhos uma chinelinha de cada um o outro pé de cada um tá com a mãe. Tá certo? Ta vendo lá uma chinelinha de um pé esquerdo de um e um pé direito do outro. Ali são dois chapeuzinhos de couro dos dois que comprei de vaqueiro. Então, é aquilo o que eu disse... a gente bate no sino quando entra [tem um sino na entrada do apartamento]. Então ela é montada assim. Ali tem uma peça... Eu gosto de literatura, de pinacoteca, tenho uma pinacoteca razoável, são bons artistas, certo? Ali é um tapeceiro que já morreu que vale muito e não me interessa quanto vale. Eu não vendo. Sei que vale muito aquilo ali, certo? Eu não mando limpar... Não limpo porque é uma preciosidade... Mas, isso aqui faz parte... Se amanhã pegar fogo, ninguém morre. Eu criei... Eu criei uma condição de estilo de vida... Ninguém é rico nem é pobre... Tá certo? Tudo é qualidade [...] Mas eu montei um castelo e esse é meu castelo...

⁸ Atualmente seus filhos têm respectivamente 28 e 26anos.

Como percebemos a fala do entrevistado mostra cuidados com a casa e vai mais além quando destaca objetos de família e que expostos se comportam como ícones, talvez a lembrar do valor que a família assume em suas vivências.

As atividades identificadas em suas vivências cotidianas foram: cozinhar, lavar louça, lavar e passar roupa, faxinar (varrer, arrumar e espanar), fazer supermercado, organizar o jardim, arrumar a casa, deixar e buscar filhos no colégio.

Um informante deixa bem claro em suas idéias sobre essa questão das atividades em casa no qual fica bem característica a expressão de gênero:

[...] eu tenho hora pra fazer o almoço, porque minha filha⁹ sai 11hs do colégio, então eu tenho que ir buscar no colégio, então eu tenho que botar feijão já cedo no fogo é eu tenho que preparar o almoço às 11hs porque quando ela chegar eu já tenho que terminar e dê tempo de fazer alguma coisa, “né”?

Sua declaração parece ecoar da fala de uma *dona de casa*, no entanto, este ao falar se mostra enfático em ressaltar o quanto o trabalho doméstico é pesado e assevera que: “Não é porque eu faço não... É porque eu vejo a dificuldade de muitas mulheres, fazendo também. Porque isso tudo recai só sobre a mulher, como eu falei *a mulher pega o fardo grande* [grifo nosso].” Seu discurso reflete um pensamento constituinte de valores e práticas que organizam as relações familiares. O gênero aqui reforça a noção do senso comum de que o *fardo grande* é das mulheres como se estivesse inscrito em seu corpo a ‘obrigação’ com as tarefas de casa.

Outro entrevistado deixa evidente este enunciado da *dona de casa* quando afirma que mesmo com todas as mudanças sociais ocorridas principalmente nos grandes centros urbanos e por mais que se tenham homens cuidando da casa e administrando o lar, enfim, sendo um *donos de casa*, *eu acho que esta expressão - dona de casa - vai morrer com a mulher*. O que parece manifestado nesta fala é que o gênero expressa que uma vez estigmatizada como *dona de casa* não há necessidade da mulher desvincular desse rótulo, afinal, essa ‘expressão é da mulher’.

⁹ Este é separado e mora com as três filhas, duas adultas e uma menor.

Contudo, cabe aqui uma consideração. O que está em jogo não é *com quem vai ficar* esta expressão linguística. O que está em questão é a forma de apropriação e acomodação com que os discursos culturais delimitam espaços de homens e mulheres. Não há nada demais em ser uma *dona de casa*, o problema reside nas conotações negativas e depreciativas que tal categoria carrega.

Observamos que as falas dos homens apontam para um reconhecimento da importância e necessidade das atividades domésticas. Entretanto, não mencionam que são tarefas *também* deles e que devem ser compartilhadas e divididas quando não têm empregadas domésticas, pois em nenhum momento - com exceção dos três informantes - participam ativamente das atividades em casa.

Se o gênero comporta várias interpretações este se situa num campo relacional, analítico, contextual, histórico e também performático. Assim, o gênero é a *última fronteira* para a reflexão crítica das ciências sociais. O gênero cria o sexo, ou seja, compõem identidades que são tanto pessoais quanto sociais, portanto, institui categorias masculinas e femininas. Deste modo, o gênero acaba por exigir de nós uma conduta que nos faça seguir um comportamento esperado socialmente. É aqui o ponto de tensão, pois o gênero cria práticas de um sistema de diferença e este por sua vez se estabelece entre os sujeitos fazendo parecer um sistema invariável e fixo (ALMEIDA, 1996).

Indagamos aos homens se percebiam alguma diferença entre homens e mulheres quando da execução das atividades domésticas. Para a maioria, as mulheres se dedicam às lidas da casa melhor que os homens. Falas como: *faz melhor é o dia-a-dia delas; a mulher é mais delicada; as mulheres fazem bem melhor; a mulher faz com mais excelência* são declarações com fortes marcas de gênero.

Um informante chega a comentar que *é da natureza dela, pois a mulher... eu acho que tratam as coisas mais delicadinha*. Percebemos que pela marca de gênero este reforça que não é da 'natureza' do homem e 'sim da mulher' que as atividades domésticas devam ser executadas. Assim, argumenta:

Não sei, tem homem que leva jeito tem homem que não leva. Então a maioria dos homens, acho que não leva pelo fato de ser delicado. A natureza do homem não é ser delicado, a natureza do homem é ele ser digamos com o pesado, né? Como já dizia minha mãe,

o homem o negócio dele é mexer com a enxada mesmo, não é com paninho, com coisinha, né? Se tiver que limpar aqui passar um pano aqui ele limpa, mas, a maneira dele... Eu acho que é diferente.

Outro homem reforça estas argumentações quando afirma que: *Vixe, o homem faz diferente das mulheres. Por exemplo, lavar e, passar roupa. Comida nem tanto, a maioria sabe cozinhar é mais fácil... Essas coisas eu acho que os homens fazem diferente.* Seguindo este mesmo raciocínio outro vai mais além quando afirma que a esposa faz as atividades de casa melhor que ele. Para ele é como se não soubesse fazer e fosse mais fácil para as mulheres. Assim comenta: *minha mulher faz atividades melhor do que eu. Acho que eu não faço tudo, eu não faço legal deixo alguma coisa, deixo a desejar pelo menos eu acho.*

Reforçando estas falas um entrevistado comenta que:

Assim, pra mulher ela se dedica mais um pouco certo? Acho que a diferença é muito pouco, mas a mulher é mais dedicada, principalmente a mulher que veve direto em casa. Ela já sabe mais ou menos de tudo o que vai fazer eu acho que é uma diferença muito pouca, pra mim no meu modo de vê.

A partir desses relatos podemos pensar que há nessas declarações um discurso sexuado das atividades domésticas. Possivelmente o cotidiano doméstico desses homens é marcado por práticas e responsabilidades que estariam atreladas a estereótipos classificatórios e hierárquicos que confirmam a ‘inferioridade’ destas atividades, bem como sua feminilidade. As marcas de gênero, portanto, justificam uma ‘essência feminina’ ou seja, uma ‘naturalização’ das atividades da casa. O que de fato fica evidente para alguns homens é que há nas lidas da casa um componente de identificação não com virilidade mais sim com um trabalho ‘mais fácil’ e de ‘menor valor’.

Não obstante as essas declarações, para outros informantes não há nenhuma diferença quanto a execução das tarefas domésticas. A não ser relacionada a força física. Alguns comentam que os afazeres domésticos não são feitos melhor por serem homens ou mulheres que os fazem. Estes destacam que na execução das tarefas domésticas não há diferença entre mulheres e homens. Um

homem ressalta que em qualquer campo de atividades tanto homens quanto mulheres podem fazer atividades boas ou ruins:

Eu acho que em qualquer campo você... Por ser homem ou ser mulher essa questão às vezes... Assim da força, tipo: eu tenho uma cunhada que conserta uma torneira - ela é dentista - ela troca uma lâmpada, ela faz coisas melhor do que qualquer homem. Troca um pneu de carro numa velocidade incrível e conhece homens... Como por exemplo, dentro da minha vida de casado eu cozinhava de um jeito que pouquíssimas mulheres conseguiam preparar um prato que eu preparava.

Tais declarações apontam para outra estratégia de pensamento dos informantes que sugere uma representação mais igualitária das lidas da casa. Estes reforçam que a *única* diferença se apóia na questão da força física. Suas declarações nos permite constatar que independente da identidade do sujeito as atividades domésticas podem ser executadas de maneira que a capacidade, habilidade e competência de quem realiza este trabalho é que vai fazer a diferença e não por ser um homem ou uma mulher quem o executa.

Conforme afirmamos anteriormente o gênero cria ações, lugares, espaços, posturas e comportamentos masculino e feminino num campo de diferenças entre homens e mulheres. O discurso de gênero estabelece idéias e noções que apóiam as ações e condutas de cada sexo dentro de um determinado contexto, assim, quanto menos letrado for o contexto mais difícil é a delimitação dos discursos (ALMEIDA,1995). Portanto, não é uma questão de ser homem ou mulher que faz alguém desempenhar uma tarefa melhor ou pior. Nestes termos o que vamos constatar é que é por meio da representação de gênero que se organizam os conceitos de simetria e assimetria, ou melhor, de desigualdade e igualdade (STRATHERN,2006).

Reconhecemos que não há uma sociedade que prescindia das atividades dentro de casa, de cabanas, ocas, etc. já que estas são vitais para a reprodução social. Diferentes antropólogos (as) ¹⁰

¹⁰ Referimos-nos aos estudos de Margareth Mead com os povos Arapsh dos mares do sul, Marilyn Strathern com os povos das Terras Altas de Papua-Nova Guiné na

mostraram que a cultura e sociedade distinguem-se por criarem suas próprias maneiras, formas, configurações e organizações tanto de sociabilidade quanto de relações de gênero e que cada cultura articula o modo como as atividades domésticas são executadas.

Estudos apontam que há constantes conflitos no universo doméstico e a divisão sexual do trabalho é a chave dessas tensões. As mulheres têm que conciliarem suas vivências entre os cuidados com a casa e sua atuação no trabalho fora dela. O que se percebe é que há persistência de assimetrias de gênero quanto à distribuição das lidas da casa e cuidados interpessoais com os membros das famílias (ARAÚJO, et al, 2007). Embora os estudos também sinalizem algumas mudanças quanto este modelo com o enfraquecimento do patriarcado¹¹, principalmente nas hierarquias de direitos e decisões dentro de casa, o que se constata ainda é a forte permanência das mulheres nas lidas domésticas nas quais estas acumulam dois turnos de trabalho.

Alguns entrevistados revelaram que quando crianças executavam atividades em casa. Um certo informante declara ter sido *obrigado* a cuidar da casa e dos irmãos menores quando os pais saíam pra trabalhar e para ele esse é um ponto delicado, pois pode caracterizar 'exploração do trabalho infantil'.

Com efeito, pensando nesse sentido observamos o que o estudo sobre atividades domésticas tem a ver com o modo como as famílias articulam, distribuem e dividem as tarefas entres os meninos e meninas dentro de casa. Tais articulações revelam tanto uma relação com o *trabalho e suas estratégias de sobrevivência quanto na dinâmica e socialização de gênero entre as crianças*. (BETINA HILLESHEIM¹², 2004). Deste modo constatamos o quanto as articulações em casa refletem a maneira como a família

Melanésia, Pierre Bourdieu sobre os povos na província da Cabília na Argélia e Miguel Vale de Almeida com o povo da aldeia de Pardais ao sul de Portugal.

¹¹ Ideologia constituída de valores que foram estabelecendo e determinando lugares sociais de poder através da relação homem/ mulher. O patriarcado conferiu ao homem poder deliberativo sobre as mulheres com uma capacidade de controlar a sexualidade e reprodução. Lembrando que o patriarcado estava sempre nas mãos dos homens.

¹² Em seu estudo *Trabalho Doméstico: O Serviço de Sempre – Coleção Gênero e Contemporaneidade* (2004) a autora discuti as questões de gênero relacionada ao trabalho entre meninas e meninos nas lavouras de fumo na cidade de Santa Cruz do Sul (RS).

separa *atividades de homem e mulheres*. Determinando assim, atividades hierarquizadas socialmente fazendo surgir uma forma de poder sobre os sexos.

Para HILLESHEIM (2004) as crianças revelam o quanto o trabalho doméstico é *natural* para as meninas e do quanto participam ativamente das lidas doméstica sendo uma carga bem maior para elas. Já os meninos não se comprometem com o trabalho doméstico e quando o fazem costumam realizar tarefas condizentes *com um trabalho masculino*. À medida que os meninos crescem estes serviços são abandonados e que tanto em camadas médias e populares a participação dos meninos no trabalho doméstico não representam significativas mudanças nas relações de gênero. Segundo a autora quer os meninos desempenhem ou não o trabalho doméstico continua existindo uma desigualdade na execução deste trabalho.

Questionamos aos nossos informantes se acreditam que existam a categoria de homens *donos de casa* em nossa sociedade. A maioria assegura que existe, mas, que a sociedade não legitima. Alguns informantes afirmaram que não existe já outros sugerem que se existir nos termos em que a sociedade confere à mulher *dona de casa* é muito pouco.

Contudo, alguns homens acreditam que existam sim, *donos de casa* muito embora a sociedade possa não legitimá-los. Para eles pode não ser tão comum, mas garantem que existe e que ser ou não *dono de casa* tem ligação com a cultura e pelo modo como os próprios homens e a sociedade percebem essa questão.

Acredito! A sociedade pode não tá ainda legitimando, né? Porque não é o mais comum, o mais freqüente. [...]Fazer essa tarefa que no nosso entender ou no entender da maioria deveria ser atribuição da mãe ou da mulher. Ainda tem muito de cultural nisso [...] Que eu digo sempre essa de uma questão de cultura mesmo, uma questão cultural a gente não deixa de ser muitas vezes machista, né? Mas vai demandar algum tempo até a gente encarar ai de igual, pra igual, você falar em 'dono de casa', a pessoa até escuta aceita, mas, não vê isso como natural, não é que tenha reserva, mas a gente vê como natural.

Essa declaração deixa evidente que o informante reconhece que condutas e comportamentos dos homens se apóiam na cultura

e assinala que vai demandar algum tempo até o homem, ou melhor, a sociedade perceba um comprometimento e compreender que as lidas da casa dizem respeito a homens e mulheres.

Conforme comentamos acima, o informante que sugere que a expressão *dona de casa vai morrer com a mulher*, também chama atenção para o fato de que há muitos homens que são '*verdadeiras*' *donas de casa*.

Nessa perspectiva um entrevistado assevera que há homens '*donos de casa*' melhores do que mulheres para ele:

Às vezes melhores que mulheres. Se for comparar com minha ex, pode ter certeza que sou muito melhor, dentro de casa. Porque ela não fazia absolutamente nada. Era incapaz de pegar qualquer coisa e botar no lugar. E era mulher! Era pra ser a dona de casa, mas como diz, em casa era um desastre.

Há convergências na maioria das falas dos entrevistados no sentido de reconhecerem que existem, mas, que a sociedade não legitima, não valida ou autentica o homem como um *donos de casa*. Para a maioria esse pensamento se apóia na sociedade que é machista e que muitos têm dificuldade de incorporar essa expressão como um valor socialmente validado. Alguns homens distinguem que existem, mas os eles próprios não se auto-legitimam. Para um entrevistado o que ocorre são casos esparsos e esporádicos assim não dê para legitimar. Ele acredita ser bem pequeno o universo que comporta os *donos de casa*.

Algumas falas nos chamaram atenção. Uma delas pronunciada por um informante que foi categórico em assumir que não gostaria de ser chamado de *donos de casa*, a outra proferida por um homem separado que mora com as filhas, que foi contundente em afirmar e confirmar que é um *donos de casa*. Este comenta: *eu sou um donos de casa! Eu me considero! Com certeza eu sou, com certeza, absoluta! E existem muitos também...*

Pensando no sentido da especificidade cultural é que entendemos que há nos processos culturais um princípio social masculino tecido nas tramas de valores tradicionais que fundamentam a identidade no campo biológico como os homens sendo *machos*. Desta forma, tudo que os homens pensam, fazem, criam, instituem, estabelecem, organizam e inventam está intensamente calcada numa noção social e historicamente

construída de que se nasceram com a genitália do macho humano serão, portanto, *homens-machos*. Tais comportamentos instruem um *status* masculino que combina dominação e hierarquia que conformam disposições onde estes incorporam discursos associando seguramente o universo da casa como sendo da mulher, conseqüentemente, não pertencente a eles.

De fato, as noções sobre a casa e atividades domésticas distinguem-se conforme a época, a cultura, de acordo com a camada social, o grau de instrução, a opção sexual, a raça e a idade do homem. Tal heterogeneidade sugere que o homem é construído, elaborado e instruído culturalmente. Deste modo, a masculinidade pode ser convertida, modificada e deslocada tanto para homens quanto mulheres, portanto, não existindo na masculinidade uma *virilidade em si mesma*. Assim, as disposições dos homens para executarem o trabalho doméstico vão depender significativamente de suas articulações e interação com seu contexto sociocultural (BORIS, 2002)

Parece-nos evidente que os homens mantêm uma ‘verdade’ quanto as suas posturas, condutas e comportamentos como sendo da ordem ‘natural’. Tal fato nos revela que para muitos há uma ‘verdadeira’ masculinidade e esta acaba legitimando através de seus mecanismos de poder o que de fato é ‘verdade’. Observando essa questão do poder nos reportamos às argumentações de FOUCAULT (1988) para quem há uma política e regime da *verdade sobre o sexo* no qual cada sociedade regulamenta discursos de poder que serão produzidos como verdadeiros ou falsos.

Dito de outra forma, o ‘dono’ do discurso ressalta o poder que surge facultado de valor, sentido e verdade e tudo que fugir desse parâmetro será falso e sem importância. Para FOUCAULT o poder tem duas configurações: *é opressor e normativo*. Quando o poder oprime ele nega, invalida e proíbe e quando o poder é normativo ele nos instiga a falar, a produzir, a agir e acaba por provocar uma trama de dominação ou seja uma imbricação de poder e saber. FOUCAULT parte do pressuposto de que decodificar a linguagem não é uma atividade metafísica de desvendar algo escondido na origem. Igualmente, decodificar é apropriar-se de uma técnica de produção da ‘verdade’ que em si não possui significado fundamental. O que sugere FOUCAULT é que devemos encaminhar e direcionar esse sistema de regras – técnica da produção da verdade - no sentido de atribuir uma nova interpretação, ou seja,

uma decodificação. Essa *metodologia genealógica* delinea um movimento de lutas em volta da produção da verdade e do poder. Portanto, a genealogia de FOUCAULT procura investigar alteração que não se reduz a área da comunicação, mas, que integra sistemas e normas de produção de saberes que confirmam, corroboram, produzem e compartilhar de esquemas de poder.

Nessa linha de raciocínio podemos inferir que os homens incorporam a 'verdade' sobre seu sexo atribuindo-lhe uma valorização do corpo que lhe confere *status*, primazia e poder. Deste modo o gênero acaba por tornar os sexos e os códigos de masculinidade como uma norma social de heterossexualidade. SCOTT (1990) nos esclarece que o gênero tem sido utilizado para teorizar a questão da diferença sexual questionando as disposições sociais de homens e mulheres. Como categoria analítica o gênero nos permite entender que as condições de homens e mulheres é produto de uma complexa *engenharia* social.

Considerações Finais

Procuramos neste artigo, refletir e evidenciar as experiências e vivências masculinas em conexão com a casa, ancorado nas discussões multidisciplinares dos estudos de gênero em busca da existência da categoria de homens *donos de casa*.

Conforme procuramos enfatizar ao longo deste trabalho problematizar a masculinidade juntamente com a casa, nos remetem a concepções que desnaturaliza idéias, comportamentos e valores já tão cristalizados no pensamento ocidental. A teoria feminista rompeu com vários discursos, reformulado velhos conceitos de - sexualidade, sexo, sujeito, gênero - tendo comprovado a possibilidade de modos diferentes de organizações, arranjos, disposições e articulações nos cotidianos de homens e mulheres. Tais concepções abalam, inquietam e provocam nos homens um desconforto e deste modo estes mantém permanências, tradições e conservações de pensamentos como se *ser homem* ou *ser masculino* é simplesmente um dado biológico.

A casa ocupa uma função importante no cotidiano das famílias. E pensar o espaço doméstico como *locus* de relações sociais que comportam a primeira socialização dos sujeitos, nos reporta as tramas discursivas normativa que "aprisiona" homens e mulheres em domínios e lugares.

Assim sendo, através dos depoimentos e declarações dos homens observamos que a *natureza biológica* dos corpos é validada pela *natureza social* e deste modo, homens e mulheres vão tecendo suas performances e identidades. O gênero cria e expressa uma condição de diferença e assim os sujeitos vão construindo, sublimando e identificando o que para si serão suas *vestimentas* para demarcar quem são.

A esse respeito da *naturalização* dos homens NOLASCO (1993) nos ajuda a esclarecer que desde cedo os meninos são estimulados a valorizar seu sexo e a diferenciação na genitália será então o ponto de partida para as perspectivas de comportamentos dos homens, assim como das mulheres. Estes sujeitos delinearão os relevos, contornos e linhas de suas subjetividades e a grande rede de significados que homens e mulheres atribuem a seus corpos e a sexualidade. Certamente tais disposições e o significado de *ser homem* excedem a idéia de um sujeito *independente*, assim, sua visão de mundo e seu modo de estar e sentir em seu contexto social vão ser, negociados, agenciados e situados em suas relações sociais e grupos de referência, portanto deslocados. Para tanto a que situarmos tais vivências masculinas, pois *ser homem* por si só não determina seu lugar. *Ser homem* resulta de sua posição na sociedade, sua etnia, sua camada social, sua raça, seu estado civil, sua idade, sua profissão e sua opção sexual.

Percebemos em algumas posturas dos homens entrevistados que estes carregam um pensamento mais paritário sobre *coisas de casa*. Poucos manifestaram que o espaço doméstico com toda sua dinâmica não diz respeito somente as mulheres, mas a eles também. Contudo, de um modo geral, seus argumentos e declarações ainda apresentam-se carregados de valores morais e conservadores no que se refere à masculinidade e às atividades domésticas.

Uma consideração a ser feita é que a análise dos dados revelou que, embora alguns poucos homens deixem claro que o espaço doméstico não é “coisa de mulher”, não conseguem desvincular do “ranço” de ser “macho” sedimentado pelas articulações sociais, simbólicas imbricadas na cultura. Destacamos que alguns deles conseguem dilatar o olhar para o espaço doméstico como sendo “*coisa de homens e mulheres*”; e que as atividades domésticas são importantes e necessárias, a

maioria deixa claro que fazem o trabalho doméstico com “naturalidade”.

Na busca por *donos de casa* comprovamos que apenas um homem se percebe como tal, um foi categórico em não querer ser chamado assim e o restante manifestou que pode até existir a categoria de *donos de casa*, mas, a sociedade não os legitima. O que ficou manifesto nas declarações e argumentos destes informantes é que existe aqui um paradoxo: de um lado, a evidência dos processos de “naturalização” do que é “ser homem” e “ser mulher”, e da orientação dos seus padrões de comportamento segundo a lógica de que *é natural os homens não gostarem de casa*. Através da verbalização de opiniões, idéias e valores morais rígidos e conservadores é que tais discursos e enunciados tomam forma. Em contraponto, o espaço doméstico, assim como os demais espaços sociais, é apresentado como um local democrático, a despeito das diferenças culturais e de gênero, através de declarações que põe as diferenças entre os sexos “apenas” no seu aspecto físico.

Enfatizamos que se deve destacar a importância do contexto histórico e sócio-cultural em que estes sujeitos estão inseridos, pois as vivências relacionadas às masculinidades são situacionais e negociáveis, e afetam diretamente as concepções e, conseqüentemente, a fala do sujeito.

As análises realizadas e aqui apresentadas apenas evidenciam uma ponta do *iceberg*, que traz à tona comportamentos, práticas e ações que, *a priori*, parecem modernas, com significados e simbologias de caráter igualitário, mas que quando em sua imersão desvendam outra realidade, de aspectos conservadores e cheios de preconceitos e julgamentos morais, permeados por noções de poder que acabam por atribuir à casa uma arraigada marca de gênero.

Gênero, como construções contextualizadas que envolvem valores, atitudes, ideologias, práticas, comportamentos, preconceitos e estereótipos socioculturais, condicionam, reforçam e determinam fatores da vida cotidiana dos sujeitos. As questões de gênero se fazem ainda mais pertinentes quando se pretende repensar ações sócio-culturais sob a ótica da linguagem simbólica, pois na casa são estruturadas atitudes, práticas e valores que se refletem também fora dela. Percebemos, que o espaço doméstico se mostra um ambiente bastante criativo para se pensar em formas de influência capazes de resultar em novas práticas e novos hábitos para os homens.

O estudo evidenciou que não podemos afirmar que se configura a categoria de homens *donos de casa*, nos moldes das mulheres *donas de casa*. Estes não conseguem alterar e alargar suas imagens e representações acerca do espaço doméstico, como sendo lugar de homens e mulheres. Quando se referem as atividades da casa, demonstram sempre num sentido de *ajuda*, *auxílio* ou *favor*. Certamente este estudo não se encerra nos limites destas páginas, conquanto é um assunto vasto e polêmico pois envolve tensões e tradicionalismo que nos parece difícil de dissolver.

Não restam dúvidas de que os comportamentos dos homens têm sinalizado para uma flexibilização e maleabilidade quanto suas idéias, posturas e concepções. Tal fato é movido por diferentes contextos além de atingir diferentemente os sujeitos e espaços. Apesar das mudanças a masculinidade como um lugar simbólico ainda é bastante valorizada e reivindicadas. Lembramos, contudo, o que esta em xeque são os critérios de avaliação, percepção e classificação do mundo social.

PINHEIRO, Z. A. C.; LUDWIG, J. R. Displaced manhood: is it possible to talk about 'househusbands'? *Serviço Social & Realidade* (Franca), v. 17, n. 2, p.215-250.

ABSTRACT: The effort of this article is to evidence through perceptions and masculine existences what the men think on they be or no housekeepers. Is it possible affirm that it is configured in our society that category? We problematized the speeches produced by the culture, that you/they end up giving a common sense in the construction of practices that you/they attribute the space of the house to the woman, leaving out of this domain behaviors and masculine actions concerning their experiences in the dynamics of the house. We broke of the presupposition that the media has been emphasizing that the men would be changing their conceptions related to the daily life, acquiring new habits of larger participation inside of house. Unhappily these don't get to alter and to enlarge their images and representations concerning the domestic space, as being men's place and women. In general, the arguments and the men's declarations are still loaded of moral and conservative values in what refer to the activities, experiences and you live inside of house.

KEY WORDS: Manliness; Men; Domestic Space and Gender.

Referências

ALMEIDA, M. V. *Senhores de Si: uma interpretação Antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

_____. *Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso ao sul de Portugal*. Anuário Antropológico/95. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996. p.161-189.

_____. *Flores do colonialismo: masculinidade numa perspectiva antropológica*. Cadernos Pagu. Campinas: Publicações UNICAMP, 1998.v 11 p.201-229.

ARAÚJO, Clara; PICANÇO, Felícia; SCALON, Celi. *Novas Conciliações e Antigas Tensões? Gênero, Família e Trabalho numa perspectiva comparada*. Bauru: EDUSC, 2007.

BADINTER, E. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BERNARD, Hessel R. *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. American Journal of Evaluation.1996. p.91-92

BORIS, G. D. J. B. *Falas de homens: a construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

BRUSCHINI, C. Trabalho Doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado?. IN: ARAÚJO, C.; PICANÇO, F.; SCALON, C. *Novas Conciliações e Antigas Tensões? Gênero, Família e Trabalho numa perspectiva comparada*. Bauru: EDUSC, 2007.

BUTLER, Judit. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1879 – 1920*. São Paulo: Editora USP, 2008.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. v.1.A vontade do Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, [19-].

- HARAWAY, Donna. *Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra*. Campinas: Cadernos Pagu. UNICAMP, 2004. p.201-246.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é Par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em 11 out. 2008.
- IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Disponível em:< <http://www.ipece.ce.gov.br/>>. Acesso em 10 jul. 2008
- LAQUER, Thomas. A linguagem e da carne. In: *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume Dumara,2001.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: dilemas de um conceito. In: *Gênero Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004. p 173-198.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RAGO, Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004. p. 31 - 41
- RIBEIRO, Cláudia Regina; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. O novo homem na mídia: resignificações por homens docentes. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 2007. v.15 jan/abr. p.217-241.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre. v.16, n. 2, p 5-22.
- STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia*. Campinas, SP: UNICAMP, 2006

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004. pp 107 – 128.

Artigo recebido em 11/2008. Aprovado em 01/2009.